



Liberdade Feminina em um Filme Censurado:

Uma Discussão Sobre o Olhar de Tereza Trautman em "Os Homens que Eu Tive"¹

Paulo Miguel QUINTANILHA²

Letícia Xavier de Lemos CAPANEMA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Em julho de 1973, após um hiato de mais de mais de 20 anos sem produções brasileiras de longa-metragem de ficção dirigidas por mulheres (BRASIL, 2020), Tereza Trautman emergia no cinema nacional, apontada pelos jornais não apenas pela direção do longa *Os homens que eu tive* (1973), mas também por ser a “primeira realizadora a filmar entre nós com um ponto de vista nitidamente feminino” (crítica do Jornal do Brasil, RJ, em texto redigido pelo crítico de cinema Ely Azeredo, 1973). O filme abalou as camadas conservadoras da sociedade ao apresentar a história de Pitty, uma mulher casada que, com o consentimento mútuo do casal, ela e o marido Dode mantêm relações extraconjugais. A obra explora as decisões de uma mulher de sexualidade livre e autonomia afetiva e financeira, propondo abordagens feministas e libertárias do casamento e da maternidade. Apesar do feito, Trautman lançou seu filme no momento em que se popularizou a pornochanchada (gênero brasileiro que tende a erotizar e objetificar personagens femininas) e que ocorreu o acirramento da repressão promovida pela ditadura civil-militar, cinco anos após a implementação do Ato Institucional N. 5 (AI 5). Após ter sido liberado com cortes recomendados pelo órgão censor, o filme foi censurado com apenas algumas semanas de lançamento, permanecendo proibido por 7 anos, sendo liberado somente em 1980. Em 1974, Trautman enviou uma carta para o então ministro da justiça, Dr. Armando Falcão, na qual argumenta e solicita a liberação de seu filme, alegando a liberação inicial e a boa recepção do público e da crítica, e anexando ao documento recortes de jornais da época. Em determinado trecho da carta, a cineasta cita dois filmes franceses que “tratam sobre o mesmo tema e se enfocam sob o mesmo prisma”, são

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2022.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: paulomiguelquintanilha@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Cinema e Audiovisual da FCA-UFMT, email: leticia.capanema@ufmt.br



eles "César e Rosalie" (Claude Sautet, 1972) e "Jules e Jim" (François Truffaut, 1962). Ambos abordam personagens femininas em relacionamentos não monogâmicos. Em sua carta ao órgão censor, a cineasta argumenta que "é clara e óbvia a semelhança, nas três histórias o personagem feminino se julga livre para escolher seu companheiro. O que não é compreensível é a interdição de um filme nacional (*Os homens que eu tive*) na mesma época da liberação de outro estrangeiro (*César e Rosalie*)". Como a própria cineasta afirma, é nítida a semelhança dos filmes em relação ao tema. Embora abordem assuntos similares, apenas o filme de Trautman é proibido pelo órgão censor. Assim, questionamos as diferenças narrativas, estéticas e principalmente discursivas entre o filme de Trautman e os filmes franceses, buscando compreender a construção do feminino proposta por cada um deles. Assim, a partir da análise de "Os homens que eu tive" e do seu dossiê de censura (que reúne pareceres censórios, cartas da cineasta e documentos relacionados a pré e produção do filme), este estudo objetiva investigar as características presentes na construção da protagonista que levaram à proibição do filme, comparando elementos estéticos, narrativos e discursivos da obra de Trautman ao contexto cinematográfico brasileiro da pornochanchada e aos filmes franceses mencionados pela cineasta em defesa de sua liberação. Dessa maneira, propõe-se um estudo contextual e relacional de "Os homens que eu tive", buscando compreender os elementos transgressores e libertários da representação feminina que levaram o filme à uma das censuras mais longas da história do cinema brasileiro (7 anos). Para contextualizar o cinema brasileiro na década de 1970, buscamos apoio em capítulos do livro "Nova História do Cinema Brasileiro" (2018), organizado pelos pesquisadores Fernão Pessoa Ramos e Sheila Schwarzman. Para operacionalizar as análises e comparações, articula-se a noção de *male gaze*, proposta por Laura Mulvey, para compreender como o inconsciente patriarcal molda a estruturação dos filmes pautados por uma visão masculina, ainda que tentem propor uma representação libertária do feminino. Em todas as obras são apresentadas mulheres que escolhem seus parceiros e mantêm relacionamentos simultâneos. Porém há uma grande diferença entre os filmes estrangeiros e o nacional: o olhar feminino na construção estética, narrativa e discursiva do filme. Apesar da abertura para um tema polêmico e de cunho feminista, nos filmes de François Truffaut (*Jules e Jim*, 1962) e Claude Sautet (*César e Rosalie*, 1972) é utilizado o elemento da castração na narrativa, conceito baseado na psicanálise freudiana. A partir dele e de outros conceitos, como escopofilia e falocentrismo, a



teórica do cinema Laura Mulvey estrutura a noção de *male gaze*, compreendido como um olhar objetificador tipicamente masculino, reflexo de estruturas patriarcais que atravessam a construção no olhar no cinema. De acordo com a autora, há duas formas recorrentes de castração no cinema clássico narrativo: 1. desvalorização, punição e redenção, e 2. transformando a imagem da mulher em fetiche e, assim, transformando-a em uma imagem apaziguadora, tranquilizadora ao invés de perigosa. É por meio da primeira forma que ocorre a castração nos filmes franceses. Em *Jules e Jim*, ela se dá desde o título da obra, que traz o nome dos personagens masculinos, revelando de imediato quem são os protagonistas que movem todo o enredo. Catherine é narrativamente castigada em diversos momentos: a personagem não consegue engravidar de Jim, o que provoca sua rejeição pelo marido; quando ela finalmente consegue engravidar, logo perde o bebê; o derradeiro castigo que acomete a personagem é o seu trágico fim (suicídio). Mesmo depois da morte, a personagem não deixa de ser castrada, pois suas cinzas são postas em uma urna e lacrada, enquanto o narrador afirma que “ela teria desejado ser espalhada de um cume, mas isso não foi permitido”. Já em *César e Rosalie*, a castração ocorre, mas não de forma tão explícita. Os momentos em que a protagonista é castigada estão em menor número, sendo os mais notáveis o momento em que ela é rejeitada por David e quando ela é expulsa da casa de César. Uma outra forma de castração ocorre em momentos que reforçam o estereótipo do papel da mulher como dona de casa e do homem, como autoridade e provedor do lar. Há diversas cenas em que Rosalie recebe ordens ou mesmo se dispõe a servir os homens que a cercam: ela fica de prontidão para atender aos pedidos de César quando este está jogando cartas com os amigos, assim como se voluntaria para preparar café para David e toda a equipe que trabalha com ele, equipe formada majoritariamente por homens. Apesar de a personagem ter essa “liberdade” para escolher o seu par romântico, a verdadeira escolha é feita e/ou manipulada por César: quando Rosalie decide fugir com David, César faz questão de ameaçá-la e expulsá-la da casa e joga suas roupas na rua pela janela do apartamento, e é ele também quem busca David e propõe uma relação a três. Há ainda a redenção de Rosalie para os homens: após se mudar para outra cidade sem que saibam o seu paradeiro e permanecer cerca de dois anos distante, ela retorna para a casa de César e o encontra com David, que agora são amigos. Então há sim uma certa liberdade destas personagens, mas ela é limitada e castigada, o que não ocorre no filme de Trautman. A protagonista Pity é totalmente livre para escolher seu parceiro, para



trocar de parceiro, mudar de casa, ir morar com a amiga (exercendo também sua homoafetividade), e sua liberdade se estende até mesmo para escolher e planejar uma gravidez de modo independente, sendo a própria Pity que escolhe, dentre seus parceiros sexuais, quem será o pai da criança. Vale lembrar que a não castração da protagonista no longa *Os homens que eu tive* e sua total liberdade não é cabível como justificativa para a duradoura censura do filme, sendo aqui feito apenas uma análise entre as personagens do filme censurado e dos filmes franceses, já que a própria realizadora o faz em sua carta. É observável a discussão em aberto nos longos estrangeiros, porém a forma que ela é feita por Tereza Trautman é nitidamente feminina e efetivamente libertária e diferente do já realizado até então.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema feminino; *male gaze*; Tereza Trautman; censura; “Os Homens que Eu Tive”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAMOS, Fernão; SCHVARZMAN, Sheila. **Nova história do cinema brasileiro - volumes 1 e 2.** São Paulo: Edições Sesc, 2018.

VEIGA, Ana Maria. Gênero e cinema, uma história de teorias e desafios. In: **Revista Estudos Feministas**. vol.25 no.3 Florianópolis set./dez. 2017

LUSVARGHI, Luiza; SILVA, Camila V. da. (org). **Mulheres atrás das câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018.** São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

VEIGA, Ana Maria. **Tereza Trautman e Os homens que eu tive: uma história sobre cinema e censura.** In: Significação: revista de cultura audiovisual. São Paulo: vol. 40, núm. 40, julho-diciembre, 2013, pp. 52- 73

MULVEY, Laura. **Prazer visual e cinema narrativo.** In: XAVIER, Ismail (org): A experiência do cinema. São Paulo: Paz e terra, 2018.

SAFATLE, Vladimir. **Lacan.** São Paulo: Publifolha, 2007.

BRASIL, Samantha. **Tereza Trautman e os homens que eu tive.** In: LUSVARGHI, Luiza; SILVA, Vieira da. **Mulheres atrás das câmeras: As cineastas brasileiras de 1930 a 2018.** São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

HOLANDA, Karla; TEDESCO, Mariana C. (org). **Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro.** Campinas, SP: Editora Papyrus, 2017.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Cuiabá e B. do Garças - MT – 08 a 10/06/2022

ARQUIVO Nacional. **Processo censório do filme “Os homens que eu tive” (Tereza Trautman, 1973)**. Fundo/Coleção NS - Divisão de Censura de Diversões Públicas - DCDP(1973 - 1979).
Material disponibilizado em 20/10/2021.